

CORPOS SUBJETIVADOS E INSTITUCIONALIZADOS: UM ESTUDO DA CULTURA FÍSICA NA OBRA ROUTLEDGE HANDBOOK OF PHYSICAL CULTURAL STUDIES

João Paulo Marques (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Antonio C. Monteiro de Miranda (Co-orientador), Larissa Michelle Lara (Orientadora), e-mail: lmilarauem@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências da Saúde / Departamento de Educação Física/Maringá, PR

Palavras-chave: corpo; cultura física; educação física.

Resumo:

A pesquisa em questão analisou como as temáticas 'corpos subjetivados' e 'corpos institucionalizados' são desenvolvidos na coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, orientando-se por incursões teóricas em duas partes da referida obra, as quais problematizam essas temáticas em meio a questões afetas ao corpo e à cultura física. Nessas partes, o corpo é problematizado em relações de classe, raça, deficiência, gênero, sexualidade, juventude e envelhecimento, além de ser discutido em perspectivas de obesidade, estética, meio digital, espiritualidade, medicalização, erotização, espetacularização e punição. As análises da pesquisa demonstram como saberes e normas orientam-se por práticas culturais para a produção de subjetividades e de comportamentos idealizados a partir de aspectos da fisicalidade dos indivíduos. As argumentações sustentam que a subjetividade dos corpos constrói-se na inter-relação com sua institucionalização, sendo orientada por discursos pautados nesses saberes normativos com vistas ao estabelecimento de um projeto pós-colonialista. Em meio a essas argumentações são apontadas questões emergentes no campo dos estudos culturais físicos afetos à fisicalidade, atentando para a importância de questionarmos os saberes institucionalizados no que se refere às abordagens do corpo e de suas experiências de *embodiment*. São alguns desses apontamentos que iluminamos nesse estudo, visando informar as compreensões advindas da articulação das análises.

Introdução

O interesse em desenvolver a temática da pesquisa que dá corpo a este estudo surge da identificação, pelo primeiro autor desse texto, de limitações presentes em sua formação universitária em Educação Física, relacionada ausência de abordagens do corpo humano que considerem suas dimensões históricas, culturais, políticas, sociais e tecnológicas, especialmente no tocante à gama de conhecimentos que afetam o corpo e os movimentos corporais em seu envolvimento relacional. Entre essa diversidade de maneiras de conhecer e representar o corpo encontram-se os Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies – PCS*) – um campo de conhecimentos comprometido política, empírica e contextualmente com a investigação e a denúncia de formas de injustiça identificadas em meio às culturas

físicas, representadas pelo esporte, lazer, recreação, aptidão, exercício, dança hábitos de saúde, entre outras práticas. No PCS, a dimensão *embodiment* do corpo ativo e a fisicalidade são de fundamental importância ontológica, metodológica e teórica, sendo a fisicalidade enfrentada em sua fluidez, dinamicidade e contextualidade.

Materiais e Métodos

Diante do contato com a vertente teórico-investigativa do PCS, com base em leituras e discussões de alguns de seus referenciais junto ao Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM), observou-se que esse campo poderia fornecer aportes para as subáreas sociocultural e pedagógica da educação física brasileira e, de modo particular, superar algumas lacunas na formação do primeiro autor desse texto. A coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por Michael Silk, David Andrews e Holly Thorpe (2017), foi selecionada para subsidiar leituras investigativas do corpo no campo dos estudos culturais físicos, objetivando entender como ele é desenvolvido na obra a partir dos corpos subjetivados e institucionalizados. Das nove partes que compõem a referida obra, duas foram selecionadas para análise, as quais estruturam-se em quinze capítulos, desenvolvidos por pesquisadores de universidades do Reino Unido, Estados Unidos, Nova Zelândia, Canadá, Japão e Austrália, que tratam da cultura física e da fisicalidade sob a perspectiva dos corpos subjetivados (classe, raça, gênero, sexualidade, deficiência, juventude e envelhecimento) e institucionalizados (obeso, estético, digital, religioso, medicalizado, erotizado, espetacular e punido). As leituras analíticas e interpretativas dos respectivos capítulos foram catalogadas por meio de fichamentos e fichas de anotação que contribuíram para a organização da apresentação dos resultados a partir de eixos temáticos de análise, favorecendo a elaboração final desse trabalho.

Resultados e Discussão

A partir das análises da pesquisa, entendemos que os corpos subjetivados são produtos inacabados, constantemente reformulados por operações externas que constroem representações afetivas, psíquicas, simbólicas, discursivas e materiais de conhecimentos específicos. Tais conhecimentos configuram expectativas de comportamentos postos em movimento na realidade a partir de estratégias de biopoder que informam a constante equalização das normativas com base em um conhecimento de medição preestabelecido. Os corpos subjetivados são formados em meio a normas prescritivas e assumidas pelas tecnologias disciplinares que mobilizam diferenças hierárquicas para demarcar e estabelecer a distinção entre o capaz e o incapaz, entre o normal e o anormal. A construção desses corpos subjetivados imbrica-se no simbólico social, instaurando valores, gostos, hábitos, práticas e comportamentos que permitem identificar os indivíduos e classificá-los – pela constituição de culturas físicas política e estrategicamente formuladas e administradas na estrutura social – em meio a conflitos de classe, raça, gênero, sexualidade, deficiência, geração e idade.

Os capítulos que tratam dos corpos institucionalizados revelam a subjetivação corporal, evidenciam a governamentalidade nas sociedades contemporâneas e o conjunto de tecnologias biopolíticas empregado no intuito de permitir o governo e a administração dos corpos, mesmo à distância, por parte daqueles que exercem o poder. No entanto, ao discutirem temáticas afetas à medicalização, à digitalização, à espiritualidade e à religiosidade, à indústria da estética, da saúde e do fitness, à obesidade, à espetacularização, comercialização e punição dos corpos, esses estudos demonstram como as práticas e os conhecimentos atuam na autonomia dos indivíduos, agentes relativamente independentes, por meio de estratégias discursivas que reforçam a governamentalidade dos corpos em processo frequente de subjetivação. Isso ocorre especialmente pela mobilização de discursos associados à saúde que atuam na modulação de comportamentos, hábitos, valores e da própria subjetividade por intermédio do envolvimento afetivo dos indivíduos em práticas culturais físicas distintas, mas que, no entanto, devido a sua lógica mercantil neoliberal global, atuam colonizando os indivíduos sob os ideais hegemônicos de dominação capitalista, de patriarcado, de nacionalismo e de heteronormatividade.

A análise das problemáticas enfrentadas pelos autores fornece aportes para discussões envolvendo distintas dimensões da educação física brasileira, como a simbólica, a discursiva, a comportamental e a praxiológica, o que contribui para sanar alguns dos limites investigativos de suas subáreas sociocultural e pedagógica. As reflexões oriundas dessas leituras e análises oferecem aportes para o maior engajamento social em nível da construção de conhecimentos, como reforçado pelo ativismo político presente nos estudos culturais físicos e como também evidenciado nos implementos atuais de um fazer científico que tenha impacto e relevância social. Ressaltamos que a noção de práticas culturais físicas, exercitada pelo PCS, suscita diversas indagações a respeito dos limites atribuídos pela área de sociologia do esporte (e para além dela) à exploração dos fenômenos do movimento corporal. Tais indagações expressam potenciais discussões na esfera político-social que possam vir a engendrar aperfeiçoamentos e/ou novas propostas de intervenção profissional, o que se apresenta como motivação para a continuidade dos estudos iniciados no campo da cultura física e para a conscientização acerca de questões basilares ao entendimento do corpo e de suas práticas.

Conclusões

As considerações tecidas nesse estudo se dão no intuito de apontar elementos orientadores à compreensão dos temas subjetivação e institucionalização do corpo na dimensão da cultura física e com aporte do PCS. Tendo por base as temáticas e discussões propostas pelos pesquisadores nos capítulos analisados, os apontamentos feitos nesse estudo demonstram que símbolos, valores, discursos, hábitos e comportamentos, vinculados a saberes específicos tornados comuns e incitados pelo envolvimento dos indivíduos com culturas físicas, estruturam-se como elementos que atuam na produção de subjetividades e de formulações de corpos construídas por instituições políticas orientadas à normalização da fisicalidade como parte de um projeto de governamentalidade social e de agenciamento individual.

Agradecimentos

Aos orientadores, pelos esforços direcionados para o bom andamento e concretização dessa pesquisa, bem como pela confiança e amparo acadêmicos. À Fundação Araucária-PR, pelo financiamento da pesquisa por meio de concessão de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

Referência

SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017.